

E pescar lá virou meio de vida

Diante do desemprego vários meses a fio, e a falta de comida que virou rotina no barraco de invasão, muitos homens que antes manobravam com agilidade uma colher de pedreiro, agora estão se tornando pescadores das águas poluídas do lago Paranoá. Os mais novos nesse ofício, sem condições para adquirir uma tarrafa e uma canoa, conseguem pelo menos o suficiente para um jantar no final da tarde, ou, com muita sorte, até o almoço do dia seguinte. Para outros, a pesca no lago é a única forma encontrada para conseguir que os filhos não morram de fome.

“Depois de seis meses desempregado, essa foi a única saída que encontrei, porque do contrário teria que roubar”, diz um desses novos pescadores, Wilton Bispo de Oliveira, que antes era mecânico. Com a ajuda de um amigo mais antigo no ramo, o Pernambuco, Wilton consegue tirar em torno de Cr\$ 10 mil por dia, trabalhando duro desde as seis horas da manhã. José Arruda, o Pernambuco, há dois anos fez da pesca a sua profissão. Criticando a fiscalização rigorosa da Fundação Zoobotânica, que toma as tarrafas e quebra as canoas, ele mostra as mãos cortadas pela tilápia, “o peixe que virou praga no lago”.

Trabalhando desde as seis horas da manhã, às cinco da tarde Pernambuco já havia conseguido pescar 10 latas de peixe. Tudo isso porque estava com sorte naquele dia, e a fiscalização não havia aparecido. Cada lata de 20 litros é vendida por Cr\$ 2.800 a Cr\$ 3.000, e comporta geralmente uns 60 peixes pequenos. Depois, cinco desses peixes são vendidos por Cr\$ 1.000 pelos revendedores, que muitas vezes vão apanhar todo o produto da pescaria ali mesmo na beira do lago, onde em certos pontos dá-se a impressão de um porto de verdade.

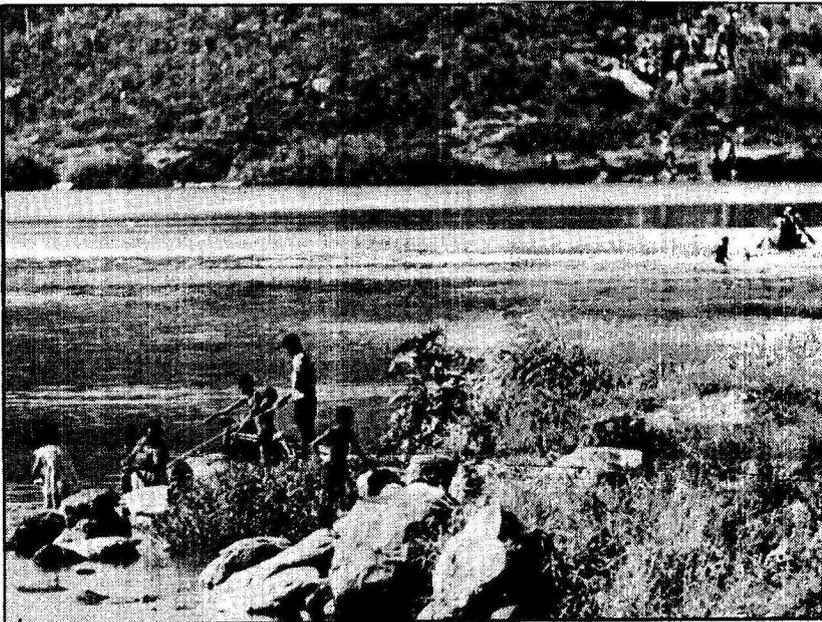
Se não aparece comprador por atacado, Pernambuco leva o seu peixe de ônibus até o Gama, onde mora, e ali ele tem freguesia certa. Na opinião de seu amigo Wilton, “essa é também uma ajuda para os moradores do Gama, que não têm dinheiro para comprar carne. Com Cr\$ 400 eles compram um quilo de peixe”, diz ele, ressaltando que muita gente ali só tem essa “mistura” para comer com arroz.

Se o peixe é poluído, se faz mal para a saúde, eles não sabem. A única coisa que têm certeza é que esse peixe mata a fome e até engorda as crianças. E com ele também que conseguem o dinheiro para pagar o aluguel do barraco, comprar o leite dos pequenos e continuar sobrevivendo honestamente. “A gente quer ser honesto, então tem que enfrentar tudo isso. Quando os homens da fiscalização pegam a gente, tomam tudo. Levam a tarrafa e às vezes até quebram a canoa. Mas no outro dia a gente volta”, diz o Pernambuco. Para ele, a fiscalização está totalmente errada, porque tem tanta tilápia no lago que se não forem apanhadas elas irão apodrecer ali.

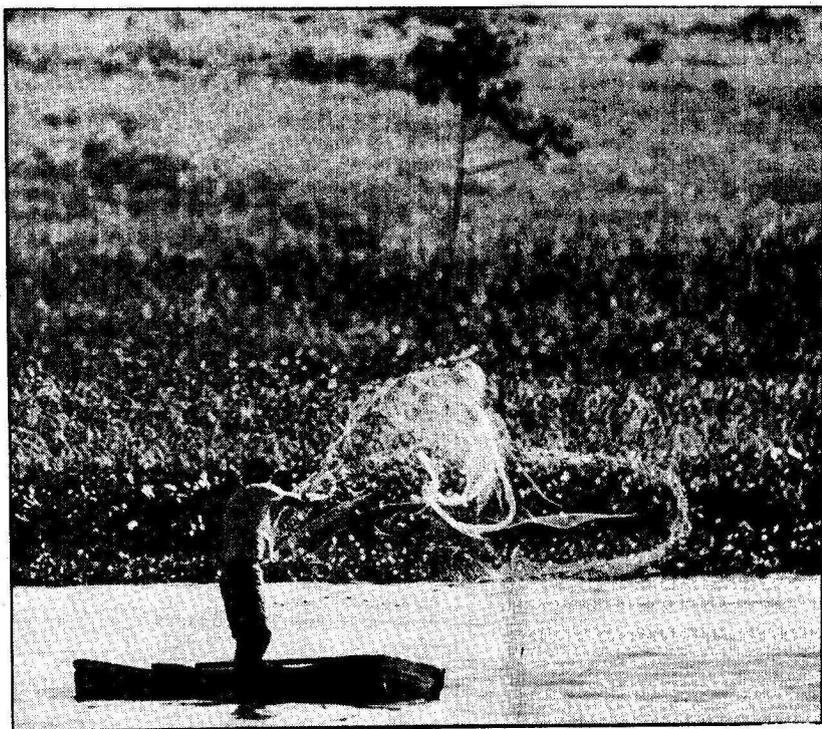
MATANDO A FOME

Ontem, nas imediações da favela da Telebrasil, mais outros quatro novos pescadores chegaram para tentar arriscar esse diferente trabalho. Gélson Ricardo dos Santos e seus companheiros saíram do Céu Azul, onde moram, com uma tarrafa emprestada e muita disposição. Como entre os pescadores a solidariedade é grande, logo conseguiram emprestada uma canoa que revezaram com o dono. Depois de todo um dia de trabalho, despoitando a falta de prática, conseguiram uma lata de peixe. Estavam satisfeitos, pelo menos teriam o que levar para casa.

“Dividindo tudo entre nós, a minha parte vai dar para comer hoje à noite



Há pescadores e pescadoras, meninos e adultos, sempre solidários



A tarrafa é proibida, mas é a única forma de se pegar mais de peixe

e amanhã no almoço”, afirma Gélson, que há quatro meses está desempregado. Com quatro filhos pequenos — o mais velho tem nove anos — e um outro prá nascer dentro de dois meses, a família está vivendo da ajuda de vizinhos e parentes. “Emprego a gente não consegue e os meus filhos só ainda não morreram de fome porque no final de semana o meu irmão traz uma feira ou alguém dá uma coisinha”.

Os seus amigos também trabalhavam na construção civil e não têm uma história diferente para contar. Há vários meses desempregados, às vezes conseguem alguns biscoites, mas até isso está difícil. Agora, mesmo sabendo que terão de enfrentar não só as dificuldades de uma pescaria mas também os fiscais da Fundação Zoobotânica, pretendem voltar todos os dias para o lago. “Enquanto não aparecer um emprego a gente vai continuar pescando porque se não der muita coisa, pelo menos a gente tem o que comer”, diz José Pereira, também casado e pai de 3 crianças.

No outro extremo do lago, a ponte do Bragueto há seis meses é a residência de Pedro Paulo Felipe Batista e Raimundo Soares. Tanto que Pedro Paulo fez questão que o fiscal anotasse na notificação de apreensão o endereço: ponte do Bragueto, lago Norte. Um é carioca, o outro, Raimundo, é amazonense, e os dois são desempregados há vários meses. Antes Pedro

Paulo trabalhava como serralheiro, agora virou pescador.

A prestação, comprou uma tarrafa por Cr\$ 30 mil e conseguiu emprestada uma velha canoa. Assim, às vezes ganhava até Cr\$ 15 mil por dia vendendo os peixes para fregueses ali da Asa Norte. Mas o seu trabalho durou pouco. Uma semana depois a fiscalização da Fundação Zoobotânica apreendeu a tarrafa e, de acordo com a notificação expedida, Pedro Paulo havia infringido o artigo 56 do Decreto Lei nº 221, de 28 de fevereiro de 1967, além da Portaria nº 018, de 17 de julho de 1981. Essas leis proibem a pesca no lago Paranoá com tarrafa e rede, sendo liberada apenas a pesca com anzol.

Mas com anzol, segundo Pedro Paulo, o que se consegue pescar no lago mal dá para uma pessoa comer. Os peixes são pequenos e não sobra nada para vender. Agora, ainda devendo Cr\$ 11 mil do restante da tarrafa, Pedro Paulo e Raimundo ficam ali debaixo da ponte comendo um peixinho frito, muitas vezes dividido com alguns curiosos que acabam fazendo amizade com os novos moradores. As vezes trocam o peixe por um outro alimento e assim vão vivendo. “Trabalho a gente não arranja e pescar não pode”, diz contrariado Pedro Paulo, mostrando sua Carteira de Trabalho, que há muito tempo já não serve para nada.